

Associação Nacional de História – ANPUH

XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

Corpo missionário e natureza amazônica atuando como fronteira

Úrsula Andréa de Araújo Silva*

Resumo: A experiência de Samuel Fritz na Amazônia está contida no seu Diário, uma fonte ainda pouco conhecida devido ao pequeno uso na sua totalidade, mas de grande importância por relatar a inclusão de diversas tribos indígenas à sociedade colonial, vem sendo referência em trabalhos que tem o indígena amazônico como foco e apresenta o corpo como instituição defensiva, além de demarcar territorialidades. Em sua narrativa observa-se um importante momento do processo de conquista da Amazônia, com a transformação da cultura e do espaço envolvendo as disputas entre as Coroas Ibéricas e o conjunto dos povos europeus. Portanto, a ação de Fritz representou naquele momento o mais importante avanço fronteiriço para a Coroa Espanhola, coincidindo ao fim com os limites acordados posteriormente em Madri e Santo Ildefonso.

Palavras-chave: Amazônia, fronteira e padre Samuel Fritz.

Abstract: The experience of Samuel Fritz in Amazônia is contained in his Diary, a source still little well-known due to the small use in your totality, but of great importance for relating the inclusion of several indigenous tribes to the colonial society, it has been reference in jobs that has the amazon indigenous as focus and introduces the body as defensive institution, besides demarcating territorialities. In your narrative an important moment of the conquest process of Amazônia is observed, with the transformation of the culture and of the space involving the disputes among Iberian crowns and the set of the European peoples. Therefore, Fritz's action represented at that moment the most important frontier advance for the Spanish crown, coinciding to the end with the limits awake afterwards in Madrid and Santo Ildefonso.

Words-key: Amazônia, border and priest Samuel Fritz.

Nesse estudo quero salientar a importância do corpo do missionário e observar sua colocação como um limite institucional, pois o corpo do missionário desempenhava uma função de defesa das possessões territoriais e espirituais nas colônias do Novo Mundo e no caso da Amazônia, a natureza também exercia essa função. Tomei o exemplo do padre jesuíta Samuel Fritz atuando nas missões de Maynás na Amazônia do século XVII. Sua história demonstra a radicalidade vivida nas fronteiras, onde apesar do corpo representar a fronteira, sofria as debilidades físicas próprias da fragilidade humana em contato com ambientes e agentes diferentes. Utilizamos duas versões disponíveis do Diário: uma de Pablo Maroni (1988) e outra de Rodolfo Garcia (1917).

* Mestranda em História – UFRN orientada pela Dra. Maria Emília Monteiro Porto.

Fritz engajou-se na Companhia de Jesus, aos 19 anos onde recebeu uma formação ascética e rigorosa, para realizar o ideal religioso de transformar a sociedade e para isso foi enviado ao Novo Mundo e designado às missões de Maynás em 1686 na Amazônia. Havia ali um grande contingente indígena e a tribo dos Omágua solicitavam um missionário que lhes protegesse dos portugueses, de acordo com as informações do Diário. Até então a Amazônia era objeto de iniciativas autônomas, não tendo sido até então ação prioritária das políticas estatais, concentradas como estavam nas regiões centrais, fossem as minas de Prata do Império Espanhol ou as zonas canavieiras do Império Português. Portanto, a ação de Fritz representou naquele momento o mais importante avanço fronteiriço para a Coroa Espanhola, coincidindo ao fim com os limites acordados posteriormente em Madri e Santo Ildefonso.

Tomamos como referencial teórico sobre a corporeidade missionária os trabalhos de Mário Cesáreo e Jean-Claude Schmitt. O primeiro evidencia a vivência do missionário em território novo através de sua colocação corporal e estratégias discursivas. O segundo apresenta um estudo sobre a tradição intelectual ocidental por meio dos gestos e modelos de comportamento. E para visualizar a natureza como fronteira apresentamos a própria fonte: o Diário de Fritz.

No imaginário europeu a América era o paraíso terrestre, porém ao se depararem com os percalços da colonização essa imagem transformou-se. Em contraposição à visão paradisíaca formou-se a demoníaca relativa à população, observando-se um caráter providencialista da história nas narrativas, ou seja, atribuindo à Providência Divina o rumo dos fatos. Assim, a visão edênica passou a ser atribuída somente à natureza e a sociedade foi caracterizada como demoníaca. (SOUZA, 1986) No caso da Amazônia, a figura de paraíso desrealizava-se perante a experiência.

Antes de o missionário viver realmente sua experiência missional e ser confrontado com a realidade americana, ele era preparado nos Colégios dentro de uma disciplina rigorosa, moral e intelectual. Ali se desenvolviam habilidades que seriam utilizadas nas suas missões. Era muito valorizada a capacidade de escrever e essa foi uma característica muito marcante da Companhia de Jesus. Cartas e informes eram um hábito, um exercício e uma obrigação para os missionários. Era através dessa ferramenta que se davam as notícias, faziam-se pedidos, reclamações e exercitava-se a arte da retórica e da persuasão. Essas cartas tornaram-se verdadeiros instrumentos de propaganda missionária e estimulavam outros religiosos à aventura missional.

Porém, o foco principal da Ordem era a cristianização dos povos e assim lançou-se a essa tarefa na América. A tradição intelectual e institucional do Ocidente realizou seu

encontro no Novo Mundo com uma realidade bastante distinta da sua e nessa experiência o corpo do missionário foi revelado discursivamente porque representava a materialidade da religião na Colônia onde a precariedade limitava sua ação ao mesmo tempo em que aguçava a criatividade com a qual realizava seus intentos.

O corpo do missionário estava submetido a várias nuances como condicionamento, deslocamento e adaptação à nova realidade. Ainda vivia-se sob as influências da transição cultural da Idade Média para a Idade Moderna quando a experiência religiosa do século XVII recoloca o corpo na literatura espiritual, ao passo que o Concílio de Trento restringe-o. Os jesuítas entendiam que os gestos realizavam a comunicação entre corpo e alma e, por isso, tinha grande importância e como política cultural, seus gestos passavam a idéia de moderação. Assim, podemos considerar o corpo como espaço simbólico e como instrumento privilegiado discursivamente e para a prática religiosa.

Tudo era regido pela Companhia de Jesus no que diz respeito aos seus missionários. Restrições e obrigações foram impostas e se criou a tradição da escritura das experiências, o que acabava englobando o outro. A Ordem agiu sobre o corpo elaborando regras de conduta social. Havia uma disciplina interna estabelecida para o cotidiano dos jesuítas que os tornava mais preparados para agir nos moldes da Ordem. Então eles se dedicavam a orações mentais, estudo e meditação dos Exercícios Espirituais, além de outras tarefas. Era um corpo moldado para sofrer e transpor obstáculos físicos em nome da fé cristã. Todo esse trabalho servia como condicionamento prévio para a experiência nas missões porque o missionário deveria estar disposto fisicamente para fazer seu trabalho e vencer as dificuldades impostas pela realidade, haja vista que

No espaço colonial o corpo é submetido a um condicionamento externo, sendo, ao fim, a única coisa que garante a continuidade do trabalho, e não apenas em um nível fisiológico – ou seja, caminhar longas jornadas, submeter-se a uma disciplina rigorosa, etc, - mas também porque de sua correta e bem pensada atuação no espaço – gestos, cerimônias, atitudes sociais, etc – dependia o êxito ou o fracasso dos projetos. (PORTO, 2005).

Na América, o corpo funcionava como instituição de fronteira porque estava longe de toda forma de poder organizado e era ele o limite. A metrópole era o modelo inatingível e desejado. Era necessário viver uma simulação que era sentida como verdade, uma reelaboração da experiência religiosa. Para atingir essa intenção, não se pouparam esforços e nesse processo, uns aprenderam com os outros.¹

Nesse processo é o corpo o protagonista; quando não há comunicação com palavras, usam-se gestos universais e compreensíveis para qualquer cultura. Assimilar e imitar os gestos indígenas era uma forma eficaz de se fazer entender e de se aproximar. Esta atenção significa uma preocupação tanto com o corpo quanto com a eficácia do conjunto, pois à oralidade do sermão juntava-se toda a gestualidade que lhe dava mais sentido; era a preocupação com o corpo de fiéis e a recepção da Palavra. O trabalho de Jean-Claude Schmitt (1995) evidencia uma história dos gestos, entendidos como aquisições sociais, que está intimamente ligada à Companhia de Jesus, pois havia toda uma racionalização e moderação dos gestos para os jesuítas. Observa-se nos autores dos séculos XVI e XVII a discussão teórica dos gestos reduzindo-os a uma linguagem universal comum a todo gênero humano. “Isto se confirmou nas experiências com os povos americanos na qual o primeiro contato era gestual e seguia sendo durante a conversão.” (PORTO, 2005)

Todo o polimento intelectual e a tradição que Fritz personificava deparou-se com um contexto totalmente adverso. Naquelas terras distantes e isoladas ele tinha a oportunidade de colocar em prática o projeto de ocidentalização da Companhia de Jesus, transformando índios “bárbaros” em cristãos civilizados. Esse não era um trabalho fácil nem rápido, pois era necessário materializar a religião para se tornar inteligível. Aos poucos, ele foi tornando-se confiável, afinal estava ali em razão da solicitação dos Omágua, de acordo com o Diário, pois a atuação jesuítica era reconhecidamente eficaz frente aos abusos das tropas portuguesas que queria cativar esses índios. Sua atuação mais incisiva deu-se com a tribo Omágua que possuía uma população muito belicosa e populosa, eram “hombres de mediana estatura, robustos y más prietos que los índios del monte; muy curiosos, parleros y altivos”, possuíam escravos, mas os tratavam como iguais: “*los miran con mucho amor, como á sus propios hijos, los proveen de vestido, comen en un mismo plato y duermen con ellos debajo de un mismo toldo, sin hacerles la menor vejación.*” (MARONI, 1988, p. 305); a natureza da região era muito exuberante, estavam rodeados por rios pelos quais navegavam para entrar em contato com outras tribos, fazer comércio, pesca e havia toda uma diversidade de pequenos insetos e

¹ Esse processo pode ser considerado como uma interculturação, conceito que retirado do estudo de Felipe Fernandez-Armesto. Los impérios em su contexto global. c. 1500 – c. 1800.

animais causando doenças, a precariedade material era geral, muitas privações inclusive alimentares e as distâncias.

O modelo religioso vigente na Colônia era ou pretendia ser uma réplica do modelo metropolitano. Os colonos e religiosos transportados para a América Portuguesa eram os responsáveis pela difusão dessa religiosidade. Porém, assim como nas demais esferas da vida social, a religião encontrou obstáculos para ser difundida da forma idealizada inicialmente. Além da convivência com índios e negros, os colonos e religiosos deparavam-se com a precariedade material vivenciada na Colônia que impossibilitava, algumas vezes, colocar em prática os projetos idealizados. A religião era catalisadora social e tinha função de controle desse mesmo contingente.

Nos confins da Amazônia havia um grande contingente indígena para ser “civilizado”. Fritz tentava construir uma réplica do modelo religioso que viveu na Europa, porém sua experiência agora era outra. Com seu trabalho conseguiu amistar cerca de 28 povoados, doutrinando esses indígenas de forma precária devido à falta de companheiros com os quais dividisse sua responsabilidade. Tornou-se artífice e junto aos seus índios confeccionava os objetos usados para as celebrações, construía igrejas e capelas nas missões (MARONI, 1988, p. 368), ainda que a natureza destruísse aquelas paredes a cada enchente anual e lutava pela condição de livres para eles.

A ausência das instituições metropolitanas deu um caráter individual e solitário à empresa evangelizadora na América. Essa ausência era substituída pela corporeidade do missionário, constituindo-se em instituição. Essa perspectiva de precariedade e devoção missionária construiu um modelo de histórias santas. As hagiografias que continham o relato de toda a experiência política, cultural e descrições de viagens eram a representação de uma viagem espiritual. Esse quadro levou a Companhia de Jesus a revisar idéias e conceitos.

A experiência de Fritz leva-nos a essa leitura. Uma peregrinação num lugar remoto e alvo de ambições imperialistas onde existia um homem de Deus para defender todos e principalmente as terras de Sua majestade. A edição feita pelo jesuíta Pablo Maroni evidencia a figura desse padre como santo e o que é mais interessante é que essa imagem é passada como uma leitura indígena.

A experiência vivida nas fronteiras era algo tão duro que as impressões idílicas foram abandonadas nos relatos; em seu lugar agora aparecia o trato com preocupações cotidianas como administração de conflitos, pacificação de índios nas proximidades, manutenção da vida e “quando estes se tornam intensos, a descrição se desvia do discurso sobre a diferença étnica e se detém no que já é propriamente a cultura local tornando-se então

inventário e diagnóstico da realidade política. Deste modo, a compreensão, a última etapa do processo de encontro entre Europa e América, vai derivar no entendimento do que ocorre e deve ser feito, um momento bastante pragmático.” (PORTO, 2005).

A experiência missional de Fritz denota bem o significado do corpo: a matéria que pode abrigar toda força e toda fragilidade. O corpo do missionário na fronteira era o símbolo do Estado e da Igreja e na ausência de ambas as instituições era seu corpo que funcionava como instituição. O ato da oratória e da persuasão eram um importante instrumento para impor interesses e limites, pois era o corpo e a missão que delimitavam fisicamente os contornos jurisdicionais de cada Coroa.

No outro extremo de toda essa imponente vivida pelo corpo está sua fragilidade, a doença. Essa foi uma verdadeira barreira com a qual Fritz lutou. A natureza amazônica foi implacável ao produzir no seu corpo ano após ano a debilidade que lhe abatia cada vez mais. Para livrar-se dela pediu auxílio a seus inimigos, os portugueses que o fizeram cativo por dois anos no Pará. Ao invés de enfraquecê-lo, esse fato o deu mais importância entre seus índios. Durante o período que pregou e peregrinou ali, passou bastante tempo doente, chegando a quase morrer, porém sem esmorecer na fé e na missão. Por causa de tantos feitos e alguns equívocos interpretativos dos índios, pois lhe atribuíam os fenômenos naturais, ele foi visto como santo. Um dos fatores que lhe fez ser visto como mártir foi sua luta incessante contra as recorrentes doenças causadas pela intolerância ao meio ambiente amazônico.

Devido à exuberância de sua natureza, a Amazônia foi tema de diversas crônicas no período colonial e, como não poderia deixar de ser, a sua exuberante natureza foi largamente descrita. Viajantes e missionários empenharam-se nessa tarefa. O jesuíta Fritz viveu na Amazônia e narrou todas as dificuldades da sobrevivência nesse sertão. Fazia parte do modelo de história jesuítica iniciar seus relatos com descrições geográficas e do meio ambiente, a chamada história natural. Para a Amazônia foram cultivadas duas imagens: paraíso e inferno. A primeira geralmente foi construída por quem não teve contato com esse espaço, ao passo que a segunda foi fruto da experiência. Agora vamos evidenciar a narrativa de Fritz sobre a natureza amazônica através do estudo de seu Diário.

Tomaremos aqui uma definição mais ampla considerando os indígenas como parte indissociável dessa natureza, mas não sem apreciar seus costumes e crenças e delimitando o espaço Amazônia como a que Fritz apresenta em seus relatos e no seu mapa. Dessa forma, podemos dividir a natureza de Fritz em duas: aquela representada pelo meio natural como os rios e a floresta e aquela representada pelos índios que mantinham relação com esse meio natural.

Consta no Diário que quando os índios receberam a notícia de que um missionário estava chegando para doutriná-los subiram o rio ao seu encontro e com imensa alegria receberam Fritz que foi conduzido à província de Maynás. Vemos aqui a familiaridade desses indígenas com a natureza, algo que vai ser bastante difícil para o missionário conseguir, ou melhor, não consegue, ele sempre estava sendo conduzido por seus índios numa relação de confiança e dependência. É interessante imaginar o choque visual sofrido pelo padre ao se deparar com aquela população porque os Omágua tinham o costume de deformar a cabeça na parte frontal, o que os tornou conhecidos como Cambebas; esse costume dava-lhes uma aparência muito exótica. (MARONI, 1988, p. 304) A tradição foi explicada como herança do Diabo, mas como povos que mantinham uma relação estreita com o Diabo, segundo o padre, solicitavam uma proteção missionária? Através desse discurso ver-se ou somos levados a crer que a fé que funcionava na realidade era a católica professada pelos espanhóis.

Sobre a tradição, ele relata:

“...averigüei nesta aldêa dos Jurimaguas, e foi que em um festim que celebravam, ouvi, do rancho onde pousava, tocar uma flauta que me causou tal susto que não pude soffrer seu som; mandei que deixassem de tocar aquella flauta; perguntei que era aquillo, e me responderam que dessa maneira tocavam e chamavam á Guaricana, que era o Diabo.” (GARCIA, 1917, p. 378)

Daí ele perguntou como era sua figura e lhe foi respondido que era horrível e que açoitava até sangrar-lhes o peito, um ritual para se tornar forte. E relatam que desde que sua Cruz chegou, o Diabo não quer fazer favores a eles e por isso agora recorrem ao padre.

Passada a primeira impressão, o padre devia instalar-se e iniciar seu trabalho religioso. A natureza amazônica foi um obstáculo implacável para Fritz, pois passou grandes temporadas doente, o que lhe impedia de doutrinar seus índios com mais eficácia. ... caiu doente de febres ardentíssimas e hydropesia, que começou pelos pés, com outros achaques. (GARCIA, 1917, p. 378) Ele atribui seu estado ao fato de ter passado cerca de três meses praticamente imóvel numa barbacoa*. Segundo ele, durante o dia tinha algum alívio, porém as noites eram atormentadoras em razão do agravamento de seu estado, dos ruídos dos animais e inclusive da concorrência que lhes impunha, pois o alimento disposto ao seu sustento muitas vezes era consumido por ratos. Mesmo assim ainda tinha ânimo para pescar alguns peixinhos e arranjar bananas que vinham de outra aldeia, a dos Aisures.

* Uma espécie de esteira para recuperação.

A precariedade material fez com que ele passasse por privações como a falta de habitação, sustento, vestido, enfermidades e riscos de vida solitariamente. O sustento cotidiano era oferecido pelos índios “mal cozido e sem sabor algum”. Constantemente era fadigado pelo contato com mosquitos e outros répteis pequenos, causando-lhe muitas feridas por todo o corpo. (MARONI, 1988, p. 368)

Como se todos os obstáculos não bastassem, ocorria um evento natural anualmente que desmontava toda a estrutura produzida até seu advento.

Para escapar a grande enchente que soe haver neste rio todos os annos; em fins de Janeiro de 1689, da redução de São Joaquim dos Omaguas, que é principio de minha missão, desci á aldêa de Jurimaguas. De caminho fui visitando algumas aldêas dos Omaguas, doutrinando-os de passagem; outras passei ao largo pelas águas, que já vinham crescendo.” (GARCIA, 1917, p. 375)

Configurava-se uma prática migrar para lugares mais altos até que as águas baixassem para voltar a sua terra e reiniciar sua construção.

Além dessas dificuldades cotidianas, havia uma muito mais problemática que era a disputa territorial entre as Coroas Ibéricas na qual os Omágua foram inseridos. De acordo com o Tratado de Tordesilhas e com a historiografia aquela região pertencia por direito à Espanha, vivia-se o período da União Ibérica e as tropas luso-brasileiras intensificavam a conquista da costa leste-oeste desde a Paraíba até alcançar a Amazônia. O interesse desses conquistadores era a mão-de-obra indígena que abundava ali e a coleta das drogas do sertão. Mas encontraram muita resistência e uma ação diplomática a reivindicar o cumprimento dos acordos firmados pelos Soberanos. As missões de Maynás colocaram-se ali como uma fronteira que procurava defender-se dos objetivos imperialistas luso-brasileiros. Usaram como estratégia o diálogo, a fuga e a guerra. Conseguiram manter-se em seu território até a morte de Fritz em 1715 quando tiveram que migrar para se protegerem.

Assim, vemos que a exuberância da natureza amazônica da mesma forma que podia despertar belas descrições e verdadeiras paixões também era um ambiente muito adverso e difícil de sobreviver. Porém, o que somos levados a ler nesse discurso é que a missão divina podia superar todos os obstáculos mesmo que eles pudessem levar à morte aos poucos.

Portanto, podemos dizer que o corpo do missionário e a natureza amazônica foram implacáveis na defesa do território. O missionário que comandava um contingente numeroso

de indígenas beneficiava-se do seu saber e experiência de locomoção no espaço em prol da defesa e esse mesmo espaço que era controlado pelos índios era um grande obstáculo para os não nativos, os conquistadores, pois antes de submeter os índios precisavam saber lidar com a natureza que lhes era totalmente adversa.

Referência

- CESÁREO, Mario. “Menu y emplazamientos de la corporalidad barroca”, In: M.Moraña, **Relecturas del Barroco de Indias. Hanover, Ediciones del Norte.** 1994.
- _____. **Cruzados, mártires e beatos. Emplazamientos del cuerpo colonial.** Purdue Research Foundation/USA. 1995.
- FERNANDEZ-ARMESTO, Felipe. Los impérios em su contexto global. c. 1500 – c. 1800. In: GIRALDO, Manuel Lucena, “Las tinieblas de la memoria. Una reflexión sobre los impérios en la Edad Moderna”. **Debate y Perspectivas**, Madrid, n.2. 2002.
- GARCIA, Rodolfo. **O Diário do padre Samuel Fritz.** Rio de Janeiro: Revista do IHGB, 1917.
- LEDEZMA, Domingo, FIGUEROA, Luis Millones. Introducción: los jesuítas y el conocimiento de la naturaleza americana. In: **Historias naturales y el saber de los jesuítas.** Madri: Iberoamericana. 2005
- MARONI, Pablo. Noticias autenticas Del famoso rio Marañon (1738) seguidas de las relaciones de los P. P. A. de Zárate y J. Magnin (1735-1740). Iquitos (Perú): Instituto de Estudios de la Amazonía Peruana; Centro de Estudios Teológicos de la Amazonía, 1988.
- PORTO, Maria Emília Monteiro. O corpo colonial. [online] http://www.cafefilosofico.ufrn.br/emilia_corpo_colonial.htm. Última atualização, 10/11/2005.
- SCHMITT, J. C. “A moral dos gestos”, In: **Políticas do Corpo.** Denise B. de Sant’Anna (org.). São Paulo, Estação Liberdade, 1995. p.141-157.
- SOUZA, Laura de Mello e. **O Diabo e a terra de Santa Cruz.** São Paulo: Companhia das Letras, 1986.